



COMUNICAÇÃO “ALTERNATIVA” E A DISPUTA PELA HEGEMONIA

Luiz Augusto de Oliveira Gomes (UFF)¹

INTRODUÇÃO

Entre os anos de 2015 e 2016, os jovens trabalhadores-estudantes² saem em defesa da educação e ocupam várias escolas públicas e universidades por todo o Brasil, contrariando a grande mídia que os retrata de maneira passiva, rebelde, desleixada e caricata, agindo com convicção, com consciência em torno da importância do ensino público de qualidade. Um movimento de proteção às escolas não apenas como uma questão individual, mas para a posterioridade, por princípio, por entender que aquele espaço também faz parte de suas vidas. Nesse processo, a imprensa de grande circulação e as “alternativas”³, disputavam as “verdades” sobre o movimento. A grande imprensa, representada pelas redes de televisão, jornais impressos e revistas de alta circulação, apresentavam a ocupação de forma deturpada, alimentando com falácias o imaginário da população. Por outro lado, os meios de comunicação “alternativos” buscavam outro “olhar” sobre as ocupações, buscando construir um discurso a partir da visão dos estudantes.

Partimos do pressuposto que a imprensa “alternativa” reverberam as vozes dos jovens trabalhadores-estudantes, que em muitos episódios são caladas pelos meios de comunicação da burguesia. A imprensa “alternativa” trava uma disputa no campo da *hegemonia* (GRAMSCI, 1999) em busca de amplificar disputar no campo da comunicação os interesses da classe trabalhadora. É de extrema importância fazer a análise dessas fontes, pois seu conteúdo traz um Brasil diferente dos abordados pela grande mídia do capital. São colocados como pauta de debates assuntos negligenciados pelos meios

1 Graduação em história pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Endereço eletrônico: luiz.augusto1201@gmail.com

2 Entendemos que os jovens desse grupo são trabalhadores e ajudam no rendimento mensal de suas casas ou praticam alguma atividade doméstica para seus responsáveis trabalharem fora; estudam muitas vezes em condições precárias; são marginalizados pelo Estado e os seus aparelhos de repressão.

3 Entendemos aqui como imprensa “alternativa”, veículos de informação que estão fora do metiê dos grandes meios de comunicação. Além disso, na no nosso entendimento, estão abertamente ligados aos interesses da classe trabalhadora e dão voz aos movimentos sociais, disputando a hegemonia no campo da comunicação, em um país onde existem muito mais movimentos de luta do que os expressados nos grandes meios de comunicação.



de comunicação de massa, além de dar voz aos movimentos sociais e indivíduos que constroem as lutas diariamente. Nosso objetivo é identificar as reivindicações, formas de protesto e de organização dos jovens trabalhadores-estudantes, considerando a amplitude da ocupação de escolas em nível nacional e sua repercussão na imprensa “alternativa”. Para isso, utilizaremos o materialismo histórico dialético na análise das fontes sobre a conjuntura da ocupação das escolas, buscando a totalidade e as relações para além da aparência. Marx (2008) afirma que “o concreto é concreto, porque é a síntese de múltiplas determinações, isto é, unidade do diverso” (MARX, 2008, p.260). Portanto o movimento de ocupação de escolas não se configura como um acontecimento isolado, e sim uma síntese de múltiplas mediações no movimento do real.

PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

Teceremos uma análise das fontes que coletamos nas revistas Brasil de fato Carta Capital, Carta Maior e GGN. Com base nesse material, será feita uma análise das reivindicações e formas de protesto dos estudantes, sobre o contexto de ocupação de escolas em nível nacional. Como qualquer fonte histórica, os jornais devem ser utilizados criticamente pelo pesquisador, para não correr o risco de se deixar levar pelo discurso da fonte e, conseqüentemente, realizar uma análise precipitada, acrítica e superficial. Diante desse material, cabe fazer as seguintes perguntas: Como são abordados os jovens trabalhadores-estudantes nesse tipo de imprensa? Quais são os principais assuntos? Como são expostos?

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPRENSA “ALTERNATIVA”

O processo de ocupação das escolas pelos jovens trabalhadores-estudantes brasileiros teve início nas escolas estaduais de São Paulo no ano de 2015, a partir de um conjunto de manifestações e influenciados pelo manual baseado na experiência chilena, “Como ocupar uma escola” (O MAL-EDUCADO, 2015). Logo após o Governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, anunciar a Reorganização Escolar, proposta em que fechava 93 escolas estaduais. Em resposta à medida, os jovens trabalhadores-estudantes da rede



estadual de ensino paulista, ocuparam as escolas de nível médio. Segundo Sordi e Morais (2016), o “movimento de ocupação das escolas impôs a construção de uma nova dinâmica, na qual os estudantes reivindicaram a participação ativa nos debates e nas decisões sobre os rumos da educação pública nos espaços institucionalizados” (SORDI, MORAIS, 2016, p. 26). Espelhando-se na experiência paulista, os estudantes cariocas ocuparam as escolas estaduais entre março e agosto de 2016; aproximadamente 73 escolas estaduais estavam ocupadas ou em processo de ocupação (UBES, 2016). O movimento luta contra o sucateamento da educação pública, as condições de trabalho dos professores e a falta de investimento no espaço físico das instituições. A partir do segundo semestre de 2016, o movimento de ocupação cresceu em âmbito nacional, ganhando força nas escolas do Paraná e sendo difundido para o restante do país. Conforme dados da UBES (2016), em outubro se contabilizava 937 escolas ocupadas, além de 79 Institutos Federais e 60 Universidades Públicas. Esse processo de ocupação é reflexo da conjuntura de impeachment da presidente Dilma Rousseff, ocorrido em agosto, que coloca no poder o ilegítimo governo de Michel Temer. No governo de Michel Temer, está em debate a medida provisória nº 746/2016, que pretende reformular o ensino médio brasileiro, além do ataque aos direitos básicos a partir da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241, que limita os gastos públicos em saúde, educação e outros setores que atingem diretamente a classe trabalhadora. Além disso, o projeto de lei nº 193/2016 do senador Magno Malta (PR-ES), intitulado “Escola Sem Partido”, transita no senado Federal.

Nesse contexto de crise política, a grande imprensa foi fundamental para a manutenção da *hegemonia* burguesa. Segundo o jornal GGN (2014), o Brasil é um país onde a maioria dos meios de comunicação de massa: Televisão, Rádio, jornais impressos e revistas com maior circulação defendem um único ponto de vista possuem mesmas ideias sobre a situação econômica, política e cultural do país. Apontam sempre a mesma “solução sobre qualquer assunto de interesse da nação. Eles estão alinhados ideologicamente e politicamente. E, pertencem a um grupo restrito de pouco mais de 10 famílias e afiliados desses grupos de comunicação” (GGN, 2014).

A categoria *hegemonia* nos ajuda a expor os jogos de consenso e dissenso que abarcam e condicionam a produção simbólica nos meios de comunicação, intervindo na acomodação do imaginário social e nas disputas de sentido e de poder na sociedade. Ao evocar o conceito de *hegemonia*, partimos do entendimento de Gramsci (1999) sobre o assunto. A constituição de uma *hegemonia* ocupa os diversos espaços da superestrutura. Ao analisar as disputas pela *hegemonia*, o autor assinala duas campos no interior da superestrutura: a sociedade política e a sociedade civil. “Estas funções são precisamente



organizativas e conectivas” (GRAMSCI, 2000a, p.20).

Tendo isso em consideração, é na esfera da *sociedade civil* que se dá o embate pela disputa da hegemonia. Diferente da sociedade política, que tem seus portadores materiais ligados diretamente ao Estado, à sociedade civil é o campo onde operam os *aparelhos privados de hegemonia* (GRAMSCI, 2000), organismos autônomos (ou com certa autonomia) perante o Estado. É nessa esfera que operam a imprensa “alternativa” e os grandes meios de comunicação a serviço do capital.

Na luta pela hegemonia, a imprensa “alternativa” disputou a imagem da ocupação com os grandes meios de comunicação. Nessa batalha, optou por enfatizar protagonismo dos estudantes nos processos de ocupação de escolas, destacando o nível de organização e resistência contra os avanços das políticas neoliberais na educação. Na análise das nossas fontes, podemos notar a importância que os jornais e revistas ofereciam para a organização interna dos estudantes. Na matéria “Hoje a aula é por conta dos estudantes”, o jornal Brasil de Fato destaca a importância da coletividade e a ressignificação dos saberes na ocupação (BRASIL DE FATO, 2016).

Observamos também a importância que a imprensa “alternativa” dá aos ataques do atual governo aos direitos históricos da classe trabalhadora, expondo as contradições e ajudando a organização da luta dos trabalhadores. Podemos utilizar como exemplo a manchete “Os secundaristas avançam contra Temer” (2016), onde o jornal Carta Capital destaca o período de intenso movimento de lutas contra os avanços das políticas impopulares do então Presidente da República. No mesmo ano, o jornal Brasil de Fato destaca os avanços neoliberais na educação a partir da PEC 55 e o movimento de resistência dos estudantes. No tocante do assunto, cabe destacar o movimento contra o projeto de lei “Escola sem Partido”. O jornal Carta Capital do dia 8 de agosto de 2016, aponta os perigos do projeto de lei com a matéria “Escola sem Partido: estratégia golpista para calar a educação” (CARTA CAPITAL, 2016). Ao denunciar o projeto de lei que ganhou maior folego no contexto de caos político e descrença nos partidos de esquerda após a derrubada da presidenta Dilma Rousseff, o Jornal assevera que tal proposta fere os princípios democráticos da própria sociedade burguesa ocidental.

Nessa rápida exposição, podemos concluir que a imprensa “alternativa” que analisamos no presente trabalho, faz um esforço para dar voz às lutas da classe trabalhadora conectando os olhares aos fatos, disputando, ainda que com certas dificuldades, a opinião pública com os grandes meios de comunicação. São vozes dissonantes em meio a um monopólio de informação protagonizado pelos grandes meios de comunicação. Podemos notar que os assuntos sobre a organização interna da ocupação e as medidas impopulares do atual governo foram recorrentes nas manchetes dos jornais. Foi crucial para o movimento de ocupação o apoio da imprensa “alternativa”, que buscavam estratégias políticas para afirmar a importância da luta dos



estudantes. Entendemos que a imprensa “alternativa” se configura com um *aparelho privado de hegemonia* (GRAMSCI, 2000) da classe trabalhadora. Diferente da posição burguesa que é manter a soberania do capital, a imprensa “alternativa” busca impulsionar a classe trabalhadora para um processo de transformação. Afirmamos a importância dos meios de comunicação alternativos e a necessidade de intensificar a disputa pela *hegemonia*, por parte dos setores das classes subalternas, no campo da comunicação.

REFERÊNCIAS

BRASIL DE FATO. **A aula hoje é por conta dos estudantes**. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/10/20/hoje-a-aula-e-por-conta-dos-estudantes/>. Acesso em: dezembro de 2016.

CARTA CAPITAL. **Os secundaristas avançam contra Temer**. 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/os-secundaristas-avancam-contra-temer-18/10/2016>. Acesso em dezembro de 2016.

CARTA MAIOR. A aula dos ‘secundas’. 2015. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Educacao/A-aula-dos-secundas-/13/35000>. Acesso em: Dezembro de 2016.

GGN – JORNAL DE TODOS OS BRASIS. **Os meios de comunicação hegemônicos do Brasil e a notícia**. 2014. Disponível em: <http://jornalggm.com.br/noticia/os-meios-de-comunicacao-hegemonicos-do-brasil-e-a-noticia>. Acesso em janeiro de 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, volume 1 / Antônio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Cadernos do cárcere**, volume 3 / Antônio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MARX, KARL. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2ª ed.- São. Paulo: Expressão Popular, 2008. 288 p.

O MAL EDUCADO. **Como ocupar um colégio?**: manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile. 2015. Disponível em: <https://gremiolivre.wordpress>.



com. Acesso em: 1 jul. 2016.

UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS (UBES) – **Luta secundarista resiste nas 236 escolas ocupadas em todo Brasil** - Disponível em: <http://ubes.org.br/2016/luta-secundarista-resiste-nas-236-escolas-ocupadas-em-todo-brasil/>. Acessado em 10 de março de 2017.

SORDI, Denise N. De; MORAIS, Sérgio Paulo. “Os estudantes ainda estão famintos!": ousadia, ocupação e resistência dos estudantes secundaristas...”. **RELIGACION. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**. Num. 2, Quito, Junio 2016, p. 25-43.